



Onair Nunes

ABAIXO O ÓDIO!

Capacite-se do quanto você é importante. Decida.

A Ucrânia foi atacada, alvos civis na mira, os ataques destruíram e mataram, sem nenhuma dúvida com finalidade suasória, fria, determinada; parte da população evadiu-se, suas casas e vidas foram desmontadas em meio ao caos. Os patriotas, mulheres e homens, os abnegados de sempre, ficaram, o seu país, sua dignidade, seus direitos nacionais em jogo. Muitos morreram. Havia uma ideia por trás deles — as ideias são difíceis de matar — e um líder, não um simples governante ocasional e formal, ou um ditador.

Tamanha a covardia, a disparidade de forças, há de ser perquirida a ocorrência de crime contra a humanidade, armas nucleares mencionadas como forma de pressão, intimidação, modo de operar das ditaduras, no caso vertente as lideranças agressoras no limiar de se converterem em títeres de uma superpotência. Rebelem-se contra ela e terminarão abandonadas, engolidas, a vocação para a violência que traduziu em morte e destruição as pequenezas dos regimes totalitários. Isso tem um preço que de algum modo será pago, uma dívida irremissível com o mundo civilizado. O valentão de ontem, o equilibrista de hoje, melancólico desfecho para as divergências e alianças do passado.

Henry Kissinger escreveu um clássico da literatura política internacional e diplomática: *On China/Sobre a China*, edição em português da Editora Objetiva, Rio de Janeiro, RJ, tradução de Cássio de Arantes Leite da lição ministrada por um dos mais atuantes Ministros de Relações Exteriores do Século Vinte a trocar em miúdos a formação da base a partir da qual foi construída a potência que, ao melhor estilo chinês da paciência, dos detalhes e da cultura, destina-se a tornar-se a nação líder do planeta nas próximas décadas.

Cinco anos é um bom número, 10 anos é seguro, o futuro imediato dependendo da medida em que o mundo reagirá aos estragos da pandemia e recuperar o seu poder de compra. Qualquer seja o cenário, contudo, a China ultrapassará o PIB Americano e converter-se-á nos próximos anos na mais poderosa Economia da Terra.

A China não quer guerra, quer comércio. Uma guerra, nestes nossos tempos, não será decisivamente travada no solo, mas no ciber espaço. Países serão riscados do mapa com vantagens para a China, quase um bilhão e meio de habitantes e vasta extensão territorial. O que sobrar do mundo atual estará submetido ao Império do Meio, restabelecido, embora com nova configuração, ao conceito de que

O Imperador não governa os bárbaros. Os que vierem até ele não serão rejeitados, os que o deixarem não serão perseguidos.

O objetivo era construir uma periferia condescendente, dividida, mais do que uma diretamente sob controle chinês.

(Kissinger, Sobre a China — Conceitos de Relações Internacionais: Imparcialidade ou igualdade? Pp 33/39)

A China humilhada do passado pelo Ocidente e o "nosso lago tranquilo" do General já não existem. Mas não foram esquecidos; as cicatrizes não deixam que isso ocorra.

A filosofia que construiu grandes Economias e grandes países não tem qualquer chance de renascimento; o "vento das pradarias" que enfunou velas para anexações que ampliaram territórios e asseguraram presença além fronteiras é uma saudosa reminiscência. Woodrow Wilson, em Abril de 1907, numa série de conferências na Universidade de Colúmbia, foi taxativo:

Since trade ignores national boundaries and the manufacturer insists on having the world as a market, the flag of his nation must follow him and the doors of the nations which are closed must be battered down.

Já que o comércio ignora fronteiras nacionais e o industrial insiste em ter o mundo como mercado, a bandeira de sua nação deve segui-lo e as portas dos países que estão fechadas devem ser postas abaixo.

(William Appleman Williams, *The Tragedy of American Diplomacy* — Fiftieth Anniversary Edition — W. W. Norton & Company, Inc., N. Y., USA, and London, England — P. 72)

O Século Vinte foi o século da América; o Século Vinte e Um, tudo indica, será o século da violentada Catay, sem portas postas abaixo, um mundo absolutamente distinto do hoje existente. E o Brasil nem de longe está preparado para ele. Para nos prepararmos precisamos construir um novo país, que o existente em nada nos ajuda. Começemos pelas eleições deste ano. Precisamos de lideranças educadas e cultas, até mesmo com um mínimo de sofisticação política, econômica e diplomática. Lidar com os chineses em qualquer destes quesitos e níveis é abissalmente diferente de lidar com os gerais, usuais e ocidentais maus costumes de sempre.